

# IMPERIALISMO E MILITARISMO: O CONFLITO IDEOLÓGICO DA DEMOCRACIA NORTE-AMERICANA

Andrea M. T. PENNACCHI \*

**Resumo:** Desde o fim da 2ª. Guerra Mundial, os Estados Unidos vêm desenvolvendo uma política militarista e imperialista sem precedentes na História, apoiados por um poderoso complexo industrial-militar cuja influência se fortalece cada vez mais nos altos escalões governamentais. Em virtude dessa parceria, desde os fins da década de 1990, os investimentos oficiais em armamentos de alta tecnologia vêm sendo sistematicamente incentivados e a rede de bases militares de defesa que aquele país controla em territórios aliados é constantemente ampliada. Sob a justificativa de expandir a democracia e a liberdade, de manter seguro o ambiente internacional e de tutelar os chamados ‘países canalhas’ – os Estados Unidos impõem ao mundo a hegemonia de seus interesses econômicos, de sua cultura, de sua ideologia e de seus valores, sem que os países dominados sequer se dêem conta de que estão sendo submetidos.

**Palavras-chaves:** Segurança Internacional. Indústria de Armas. Militarismo. Expansionismo

## Introdução

Nos primeiros anos da década de 1990, como resultado do fim da Guerra Fria e da conseqüente contração do mercado internacional de armas por causa da crise financeira dos anos anteriores e do fim da corrida armamentista, a indústria bélica norte americana viveu um momento de crise aguda.

Uma série de mudanças no cenário internacional exerceu um efeito considerável sobre o setor: tratados multilaterais de desarmamento, desmilitarização e reconversão foram sucessivamente firmados entre os países sob os auspícios da ONU e enquanto ventos de euforia pacifista sopravam por todos os continentes, centenas de milhares de trabalhadores urbanos e de soldados que haviam sustentado a corrida armamentista - e sido sustentados por ela - se viram desempregados.

O conflito nuclear deixara de ser uma ameaça imediata à segurança do planeta e a expectativa de se viver em um mundo mais pacífico chegou a ser considerada por muitos como uma realidade palpável, mas o mundo apenas tomava fôlego para retomar forças, reorganizar-se e envolver-se em novas lutas.

A partir de 1998, principalmente, dados sobre a indústria da defesa mundial começaram a indicar uma inversão da tendência de queda que se manifestara no início da

---

\* Docente das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” em Presidente Prudente/SP. Mestre em História e Sociedade pela UNESP de Assis/SP.

década e gradualmente, até a presente data, os gastos militares voltaram a crescer em todos os países do mundo, chegando a indicar uma nova corrida armamentista.<sup>1</sup>

Deve ser lembrado que a indústria da defesa, como agente econômico, não só oferece um ótimo retorno financeiro para seus acionistas, como também gera convenientemente um grande volume de recursos fiscais para o país que a acolhe. Além disso, a produção de armas ocupa considerável quantidade de mão de obra direta e indireta em todo o mundo, não apenas na produção de recursos militares, mas também no uso desses efetivos através das Forças Armadas. Assim sendo, o fator econômico representado pelo setor armamentista, além de prover aos governantes a garantia de força militar que lhe é inerente, é um valor agregado que nunca deixa de ser cuidadosamente analisado por qualquer governante sério ao pesar decisões relacionadas aos movimentos da guerra e da paz.

O país que atualmente abriga as maiores indústrias produtoras de armas do mundo é, indiscutivelmente, os Estados Unidos. Dentre as cinco maiores organizações listadas no ranking do setor, quatro são norte-americanas - a *Northrop Grumman*, a *Raytheon*, a *Boeing* e a *Lockheed Martin*, todas estreitamente ligadas ao Pentágono e ao Departamento de Defesa. Essa parceria entre Estado e indústria tem a finalidade de dar ao país toda a sustentação tecnológica e militar necessária para que este siga seu ‘destino manifesto’ e possa dominar o mundo através da justificativa moral de disseminação da democracia, do liberalismo e da superioridade da cultura ocidental sobre as demais.

Apesar de seu discurso ser o mesmo de seus antecessores, essa forma de dominação pós-moderna é um sinal dos novos tempos: está intimamente ligada à globalização, à sofisticada tecnologia militar do controle remoto e às atitudes militaristas que vêm sendo adotadas pelo governo dos Estados Unidos. Implica em atitudes unilaterais e tutelares da superpotência hegemônica sobre as demais nações de todo o mundo, com flagrante desrespeito às soberanias locais e apoiadas no márcio apoio de armamentos poderosíssimos e de cerca de 725 bases militares - verdadeiros enclaves norte-americanos - oficialmente espalhados em todos os continentes do planeta.

Essas bases militares norte-americanas são conectadas entre si através de uma rede de comando supervisionada pelo Pentágono e não estão sujeitas a qualquer controle significativo da sociedade civil, mas vinculam-se intimamente ao complexo militar-industrial que é alimentado pelo *lobby* praticado por membros do alto escalão do governo, como o todo poderoso secretário da Defesa Donald Rumsfeld<sup>2</sup> e o vice-Presidente Dick Cheney.

Eles fazem parte de um grupo direitista de ‘intelectuais da defesa’ que adota o realismo na formulação de sua política externa e que sempre defendeu prioritariamente uma

---

1 SIPRI - Stockholm International Peace Research Institute. <http://www.sipri.org> e HIIK – Heidelberg Institute on International Conflict. Global Conflict Barometer 1997, 1998, 1999, 2002 e 2003. – [www.first.hiik.org](http://www.first.hiik.org)

2 Donald Rumsfeld graduou-se pela Universidade de Princeton e serviu a Marinha dos Estados entre 1954/1957. Ingressou na política em 1962 e entre 1973-1974 serviu na Bélgica como embaixador dos Estados Unidos na OTAN. Foi Secretário da Defesa do governo Ford (1975-1977). Entre 1985 e 2000 ocupou vários cargos de nomeação política nos departamentos de Defesa e de Estado, paralelamente ao cargo de Chief Executive Officer e de Presidente do Conselho da General Instrument Corporation, uma empresa líder na transmissão, distribuição de banda larga, no controle de tecnologia para transmissão a cabo, via satélite e de transmissão terrestre (1990/1993). Foi ainda membro do Conselho da Rand Co., uma empresa formada em 1945 a partir de necessidades da Força Aérea dos Estados Unidos e com a finalidade de oferecer análises e pesquisas militares. Nomeado novamente Secretário da Defesa por George W. Bush em 2001, tem servido de elo de conexão entre o complexo militar-industrial e o Pentágono e suas ações têm incentivado o crescimento do militarismo nos Estados Unidos. Após o 11 de Setembro, tornou-se uma das figuras mais importantes do governo, tendo delineando a atual política de Defesa de seu país e liderado as invasões do Afeganistão e a do Iraque.

nova estratégia de política externa voltada para o domínio global. Muitos de seus membros já haviam servido em administrações republicanas anteriores e voltaram a ocupar altas posições no governo quando George W. Bush tornou-se presidente.

Seus planos para a próxima década ou mesmo para os próximos vinte anos, incluem um discurso que, guardadas as devidas proporções, trazem grande semelhança com a retórica imperialista defendida por Alfred Mahan, Henry Lodge e Theodore Roosevelt, quando estes enfatizaram no passado a necessidade dos Estados Unidos construírem uma enorme força marítima através da implantação de bases no Pacífico e no Atlântico, visando manter o controle dos dois oceanos e garantindo a proteção de seus interesses comerciais naquelas regiões.

Quase um século mais tarde, ante o pânico nacional causado pelos ataques terroristas ao Pentágono e ao World Trade Center, esses militaristas do presente aproveitaram-se da catarse geral e dos fortes sentimentos de patriotismo gerados pelo ato terrorista e passaram a enfatizar a urgência de os Estados Unidos militarizarem o espaço sideral e policiarem a segurança do planeta através de estações militares armadas em órbita sideral, com armas que deveriam incluir lasers de alta energia e que poderiam ser dirigidas – defensivamente, afirmam - a qualquer alvo na Terra ou a qualquer satélite de uma nação inimiga.

Ainda na defesa desse projeto de criar um Comando Espacial, eles argumentaram que como a globalização tende a aumentar cada vez mais o enorme vácuo que já existe entre os países ricos e pobres, a patriótica missão do Pentágono deve ser de “dominar a dimensão espacial das operações militares para proteger os interesses e os investimentos dos Estados Unidos” em um mundo cada vez mais perigoso e anti-norte-americano.<sup>3</sup>

Ou seja, pode-se observar nessa postura do Departamento de Defesa a necessidade de garantir a hegemonia militar aos Estados Unidos e de assegurar com isso que nenhum outro país possa ter acesso ao espaço, mesmo sob o ônus de abandonar todos os tratados bilaterais e multilaterais de restrição e controle de armas firmados em décadas passadas.

A justificativa utilizada pelo governo Bush *senior* para convencer sua população a aceitar o ônus de uma política externa militarista e de caráter autoritário - contrariando todos os fundamentos ideológicos da República - é o risco do país perecer sob ameaças difusas e sem identidade estatal, como o terrorismo e com isso, retomam o discurso da ‘superpotência relutante’ e da missão dos povo norte-americanos em carregar, a contragosto, o fardo de seu ‘destino manifesto’...

O imperialismo pós-moderno praticado pelos Estados Unidos é fruto direto das extraordinárias transformações tecnológicas pelas quais a humanidade passou nas últimas décadas. É uma modalidade de domínio fundamentada no militarismo e no autoritarismo, mas que se diferencia das anteriores pela característica de seu discurso ‘liberal e democrático’ e por nem sempre implicar em controle direto da política e de territórios ou a apropriação explícita de recursos coloniais.

É um império que não tem limites nem fronteiras: engloba a totalidade do espaço do mundo e penetra na vida das populações, não apenas nas relações que mantém com a nova metrópole, mas também em seus corpos, mentes, ideários e religiosidade.

Nunca antes uma ordem política ocupou tantas dimensões e exerceu tanto controle sobre o mundo e é com perplexidade que os que gradualmente se percebem sujeitos a ela,

---

3 JOHNSON, Chalmers. *The Sorrows of Empire*. New York: First Owl Books Edition, 2005

observam a sociedade disciplinar tradicional ser substituída por uma sociedade de controle, que domina através de sistemas de comunicação, de redes de informações e de atividades de enquadramento pela coerção militar que acabam provocando quebra de soberanias e de fronteiras sem que a maioria das pessoas se dê conta de seu impacto e de sua força destrutiva.

### **Os números do Complexo Militar-Industrial**

O refluxo na produção da indústria de armas, como o que ocorreu com o fim da Guerra Fria, esteve atrelado à conversão e reestruturação de toda a economia armamentista mundial. Sob o ponto de vista econômico, é possível que se tenha uma idéia de como essa redução afetou o setor militar ao se observar que os gastos com segurança em todo o mundo caíram de um pico de cerca de US\$ 1 trilhão em meados de 1980, para aproximadamente US\$ 688 bilhões em 1996<sup>4</sup>.

Que tipo de conseqüências esse processo de redução armamentista poderia ter para o mundo, além de atender aos interesses das corrente pacifistas? Se esse percentual estatístico negativo for transportado para o lucro das empresas produtoras, para os valores arrecadados em impostos e para a quantidade de empregos diretos que desapareceram no período, o estrago na economia mundial certamente terá proporções muito maiores.

Em termos de mão de obra, por exemplo, é possível observar que somente na indústria da defesa, entre 1987 e 1996, durante a drástica redução de demanda por armas, desapareceram 8.3 milhões de um total de 17.5 milhões de empregos no setor<sup>5</sup>.

Tanto o impacto da liberação de mão de obra dessa monta em todo o mundo, quanto seus efeitos no mercado de consumo foi considerável e certamente deram margem para a criação de estratégias que renovassem as necessidades da guerra e afetassem as decisões políticas tomadas na década, especialmente em países produtores, como Estados Unidos e Inglaterra.

Outro fator que deve ser observado nesse contexto é a questão sócio-política, refletida principalmente no recrudescimento dos conflitos de pequeno e médio porte que caracterizaram a década de 1990<sup>6</sup>.

Durante a Guerra Fria, sabe-se que quando era de seu interesse, as superpotências exerciam ação repressiva contra uma série de movimentos separatistas étnicos e religiosos, contendo-os, por serem seqüelas da Primeira Guerra ou da Descolonização, especialmente na Ásia e África. O fim do conflito entre União Soviética e Estados Unidos e a necessidade de reorganizar suas próprias forças, além dos *lobbies* criados para atender às necessidades econômicas e aos investimentos das indústrias de defesa, resultaram em certo relaxamento das potências maiores sobre essas contendas e elas eclodiram em toda parte, com toda violência, tão logo se viram livres da pressão externa que as continha.

Quando estes aconteciam em regiões sem importância para a economia global, como Guiné-Bissau, Congo, Etiópia ou qualquer outra ex-colônia razoavelmente inexpressiva da África Sub-saariana, o Ocidente fechava os olhos, conivente. Desinteressados ou ocupados com seus próprios problemas internos e usando apropriadamente o argumento liberal da autodeterminação dos povos, os estados ocidentais observavam de longe os massacres étnicos

---

4 Conversion Survey 1998. Bonn International Center for Conversion (BICC)

5 Conversion Survey, 1998, loc.cit

6 Global Conflict Barometer 1997, 1998, 1999, 2002, 2003. Heidelberg Institute on International Konflikt - < www.first.hiik.org >

e as disputas locais entre contendores que se engalfinhavam por territórios ou por poder político e sua ação pacificadora se resumia em manifestações de protesto de pequenos grupos isolados que alardeavam os horrores de guerras fratricidas na imprensa internacional, ou em eventual ajuda humanitária para a população civil<sup>7</sup>.

Esses conflitos, em muitos casos, poderiam ser vistos como uma conveniente válvula de escape, tanto para o consumo das armas de segunda mão que inundaram o mercado internacional a preços aviltantes após a Guerra Fria, quanto para absorver uma grande parte das tropas mercenárias que haviam sido desmobilizadas, retirando-as do cenário ocidental, onde poderiam se tornar um peso para a sociedade civil.

Somente quando o conflito se localizasse em áreas estratégicas para as grandes potências, ou quando ocorresse em países onde houvesse abundância de recursos naturais como o combustível fóssil, a questão deixava de ter caráter local e passava a ser de interesse global, fazendo com que a propalada “determinação dos povos” deixasse de fazer parte do discurso ocidental para dar lugar a outros discursos, evidentemente muito mais adequados para justificar uma intervenção.

Uma dessas falas de justificativa para intervenção, invasão ou perda de soberania para grandes potência é o discurso de neo-tutelagem – um eufemismo muito oportuno criado para explicar o imperialismo pós-moderno<sup>8</sup>. Essa neo-tutelagem pode ser exemplificada com a invasão do Iraque e do Afeganistão, no início da década de 1990, onde a ação interventora dos Estados Unidos não teve por finalidade apenas a defesa dos interesses econômicos estabelecidos na região ou dos direitos humanos. Havia outros interesses.

Na entrada do século XXI e num ambiente global salpicado por conflitos regionalizados, as vinte maiores indústrias produtoras de armas, sozinhas, apresentaram um volume *oficial* de vendas na ordem de US\$ 102.5 bilhões, como pode ser visto na tabela abaixo:

---

7 The World Fact Book 2004. Central Intelligence of America. [www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields](http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields)

8 Laitin, David and Fearon, James – “Neotrusteeship and the problem of weak states” in *International Security*, Vol. 28, No. 4 (Spring 2004), pp. 5–43

**Tabela I - Relação de Vendas das 20 Maiores Indústrias de Armas Mundiais: Dez/2003**

	Nome	País	Vendas 2001 US\$ bi	Vendas 2002 US\$ bi	Vendas 2003 US\$ bi	% Crescimento Vendas
1	Lockheed Martin <sup>b</sup>	USA	17.9	18.9	24.9	39.1
2	Boeing <sup>a</sup>	USA	18.0	20.5	24.4	35.5
3	Northrop Grumman <sup>c</sup>	USA	10.6	17.8	22.7	114.1
4	BAE Systems <sup>d</sup>	UK	14.4	14.1	15.7	9.0
5	Raytheon	USA	14.3	15.2	15.4	7.7
6	General Dynamics <sup>e</sup>	USA	7.8	9.8	13.1	68.0
7	United Technologies	USA	5.5	7.0	9.2	67.3
8	Thales	France	5.6	6.8	8.3	48.2
9	EADS <sup>f</sup>	W.Eur.	5.5	5.6	8.0	45.4
10	Finmeccanica	Italy	2.9	3.7	5.3	82.7
11	L-3 Communications <sup>g</sup>	USA	1.7	3.0	4.5	164.7
12	Halliburton	USA	(...)	0.5	3.9	100.0
14	Computer Science Co. <sup>h</sup>	USA	1.8	2.9	3.8	111.1
13	Science Applications	USA	2.5	3.0	3.7	48.0
15	Rolls Royce	UK	2.6	2.8	2.9	11.5
16	Mitsubishi Heavy Ind. <sup>i</sup>	Japan	2.3	2.8	2.4	4.3
17	General Electric	USA	1.9	2.2	2.4	26.3
18	Honeywell Int'l	USA	1.6	1.8	2.3	43.7
19	GKN	UK	1.7	1.8	2.0	17.6
20	United Defense	USA	1.3	1.7	2.0	
<b>Total</b>			<b>119.9</b>	<b>141.9</b>	<b>176.9</b>	<b>47.5</b>

**Fonte:** SIPRI Yearbook 2003, 2004 e 2005 – Arms Production Project. Inclui empresas que fornecem bens e serviços a clientes militares. <http://www.sipri.org/contents/milap/milex/aprod/sipridata.html>

**Notas:**

- a) As vendas da *Lockheed Martin* incluem taxas de gerenciamento pagas pelo Departamento de Energia para a administração de programas de armas nucleares.
- b) As informações de vendas da Boeing são para a Unidade Integrada de Sistemas de Defesa Total, excluindo a venda de muitas unidades civis de Sistemas de Lançamento e Orbitais. Desde de 2003 a *Boing* mudou a forma em que reportava seus segmentos de mercado.
- c) A *Northrop Grumman* completou sua aquisição da TRW em 11/12/2002. Em seu relatório anual de 2002, isso foi informado *pro forma*.
- d) As informações sobre as vendas da *BAE Systems* são relacionadas como vendas totais não comerciais, apesar de ser conhecido que alguns elementos em sua divisão de defesa são civis em natureza e que alguns elementos nas divisões comerciais são militares.
- e) Nesses dados da *General Dynamics* está incluída uma estimativa de US\$ 300 mi para a venda de armas da Veridan nos primeiros sete meses do ano. A *Veridan* foi comprada pela *General Dynamics* em agosto de 2003.
- f) *EADS (European Aeronautic Defense and Space Company)* pertence em 30.2% à *DaymleChrysler*(Alemanha), 30.2% à *Lagardère* (França) juntamente com instituições financeiras francesas e a *SOGEPA* (holding estatal francesa) e 5.5% pelo *SEPI* (holding estatal espanhola). A *EADS* está registrada na Holanda.
- g) As vendas da *L-3 Communications* incluem US\$ 470 mi da *Vertex Aerospace*, comprada pela *L-3 Communications* em dez/2003.
- h) A *Computer Sciences Corporation* é um provedor de serviços e produtos para ministérios da Defesa. Números da venda de armas são receitas do Depto de Defesa dos Estados Unidos e uma parcela desconhecida é para aplicações militares. A CSC adquiriu a *Dyncorp* em março/2003 e concordou em vende-la em dez/2004 para a *Veritas Capital*.
- i) Os números na coluna de venda de armas para as empresas japonesas indicam novos contratos militares mais que vendas de armas.
- j) A *Computer Sciences Corporation* é um provedor de serviços e produtos para ministérios da Defesa. Números da venda de armas são receitas do Depto de Defesa dos Estados Unidos e uma parcela desconhecida é para aplicações militares. A CSC adquiriu a *Dyncorp* em março/2003 e concordou em vende-la em dez/2004 para a *Veritas Capital*.
- k) Os números na coluna de venda de armas para as empresas japonesas indicam novos contratos militares, mais que vendas de armas.

Em 2001, o capital norte-americano, predominante em ambos os gráficos indicados, participou com US\$ 84.9 bilhões desse total, ou seja, contribuiu individualmente com 70.8% das vendas mundiais naquele ano. Esse valor é relevante, principalmente se considerarmos que não havia mais a *ameaça* soviética para solapar a hegemonia capitalista e

disputar com ela áreas de influência, mas ainda assim, era muito inferior à que vigorara no auge da Guerra Fria.<sup>9</sup>

## II – Tabela de Vendas e Postos de Trabalho: 2001-2003)

	No. Empresas		Vendas (US\$b)		Empregos (milhões)	
	2001	2003	2001	2003	2001	2003
EUA	12	13	84.9	132.3	416.6	573.4
UK	3	3	18.7	20.6	87.3	92.1
França	2	1	5.6	8.3	50.9	40.2
Europa Ocidental*	1	1	5.5	8.0	21.3	26.2
Japão	1	1	2.3	2.4	-**	7.2
Itália	1	1	2.9	5.3	17.3	26.7
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>119.9</b>	<b>176.9</b>	<b>593.5</b>	<b>765.8</b>

Fonte: SIPRI Yearbook 2002-2004. Table 9 A.1 *The largest arms producing companies.*  
<http://www.sipri.org/contents/milap/milex/aprod/sipridata.html>

Notas: \* Fusão de Empresas com capital francês, espanhol e alemão (EADS)

Conforme a tabela acima, se for ponderado que entre as 20 maiores indústrias armamentistas mundiais 12 são norte-americanas, pode-se inferir que os que mais sofreram o impacto desse momento de depressão do mercado foram os Estados Unidos, principalmente se considerarmos que 416.6 milhões de empregos significam cerca de 70% da mão de obra total das vinte maiores, e que essas pessoas - e suas famílias - não só dependem economicamente da produção de armas, como também, são eleitores.

Mas, significativamente, também é possível perceber que o movimento ficou ascendente a partir dos ataques terroristas do 11 de Setembro. Entre 2001 e 2003, o volume de vendas de armas pelas indústrias norte-americanas subiu de US\$ 84.9 para US\$ 132.3, ou seja, aumentou em 55.83% em dois anos! E o volume de empregos também aumentou em 37,63% no mesmo período, apesar da crise de desemprego que assola o país como um todo<sup>10</sup>.

Esses dados indicam que houve uma razoável recuperação das perdas ocorridas na década anterior e que o maior beneficiado mundial foi igualmente os Estados Unidos. Por que? Porque os interesses do capital norte-americano armamentista estavam firmemente ligado aos interesses político-militares do Pentágono: os vínculos entre os ‘intelectuais da defesa’ e o complexo militar-industrial norte-americano permitiram que ambos planejassem novos projetos de ‘defesa’ para aumentar o poder militar dos primeiros e o poder econômico dos segundos.

Para tanto, além do Departamento de Defesa norte-americano ter pressionado o Congresso para a liberação de verbas extraordinárias incompatíveis com o aparente clima de ‘*pax americana*’ reinante - onerando ainda mais o contribuinte - e para criar leis autoritárias que em muito contrariavam os princípios republicanos dos ‘*founding fathers*’, ainda participaram ativamente do financiamento de pesquisas de alta tecnologia (oficiais e secretas) voltadas para o domínio do espaço sideral e para a criação de armas de controle remoto cada vez mais sofisticadas, que permitissem uma conveniente redução de riscos para seus efetivos militares.

9 SIPRI Yearbook 2002. The SIPRI Military Expenditure and Arms Production Project.. URL: <[www.first.org.com/](http://www.first.org.com/)>

10 SIPRI Yearbook 2002-2004. *The largest arms producing companies.*  
<http://www.sipri.org/contents/milap/milex/aprod/sipridata.html>.

Pressionando por outro lado, os lobistas do complexo militar-industrial se empenharam também em incentivar os seus representantes no Congresso a votar leis de ‘defesa’ que favorecessem a adoção de uma política imperialista e claramente militarista.

Assim, a escalada dos investimentos norte-americanos em armamentos aumentou a venda de armas a países que não queriam sentir-se indefesos perante o renovado ímpeto bélico mundial e essa movimentação acabou incentivando ainda mais os conflitos difusos da década: cresceram as vendas a guerrilheiros separatistas, a segmentos étnicos rivais, a traficantes de drogas e a líderes de movimentos sociais rurais dos países do Terceiro Mundo, demonstrando ao mundo que capital não tem fronteiras, nem ideologias, nem ética ...

Esse tipo de política poderia eventualmente ter sido combatido internamente pela população civil norte-americana, quando percebessem que seus objetivos entravam em conflito direto com os ideais que um dia formaram a estrutura ético-moral do país, mas os atentados terroristas de 2001 foram convenientemente o *coup de grace* a qualquer protesto popular contra essa tendência militarista.

A partir da indignação – e do medo – que se espalhou por todo o Ocidente diante da agressão vinda de um inimigo invisível e esparso, renovou-se o *leit motiv* que colocaria a questão da Segurança novamente – e justificadamente – no centro das prioridades nacionais.

Os dados estatísticos indicados abaixo, indicam a tendência sistemática de alta nos gastos militares mundiais a partir de 1998 e sua intensificação a partir do atentado do 11 de Setembro nos Estados Unidos, não só naquele país, mas também no restante do mundo.

**Tabela III - Gastos militares globais por região: 1994-2003**

	África	Américas	EUA	Ásia e Oceania	Europa	Oriente Médio
1994	9,2	21,1	344,0	120,0	200,0	47,1
1995	8,7	23,3	324,0	123,0	187,0	43,8
1996	8,4	21,6	306,0	127,0	186,0	43,8
1997	8,6	24,5	304,0	127,0	186,0	48,1
1998	9,2	23,2	298,0	126,0	184,0	51,9
1999	9,9	23,5	299,0	128,0	188,0	50,3
2000	10,3	24,2	310,0	133,0	191,0	58,0
2001	10,5	26,2	313,0	140,0	191,0	63,1
2002	11,3	26,3	350,0	146,0	194,0	63,8
2003	11,4	25,1	426,0	151,0	195,0	70,0
<b>Aumento</b>	<b>23.9%</b>	<b>18.9%</b>	<b>23.8%</b>	<b>25,8%</b>	<b>-2,5%</b>	<b>48.6%</b>

Fonte: SIPRI Yearbook 2004. Projeto de Gastos Militares . URL:< <http://www.first.org.br>>

Até meados de 1990 esses gastos estiveram em queda na Europa, que estava muito mais concentrada em solucionar seus entraves internos e promover a unificação para fortalecer-se contra as manifestações hegemônicas dos Estados Unidos, do que em preocupar-se com segurança internacional num contexto aparente de paz, mas em outras regiões, onde conflitos internos sempre estiveram latentes e onde circunstancialmente a economia crescia a olhos visto, como na Ásia, o investimento em armamentos se manteve em constante alta.



Para reforçar essa afirmação, é interessante lembrar que nenhum país acumula poder a não ser que pretenda utilizá-lo, seja para defender seus direitos, seja para defender os interesses internos estiverem sendo ameaçados. Assim, o poder é na verdade, um meio utilizado para se atingir um determinado fim.<sup>11</sup>

Nem sempre o poder deve ficar somente implícito. Ele deve ser demonstrado periodicamente, para que todos saibam quem o detém. Os Estados Unidos, com uma área de influência que se expandia economicamente, culturalmente – e militarmente, através de suas bases militares de ‘defesa’ - por todo o planeta, tinha que demonstrar explicitamente a força de sua autoridade para manter se manter hegemônico e assim, estabelecer suas próprias regras em qualquer território, usando da força quando necessário para reprimir movimento locais que as contestassem<sup>12</sup>.

Por se considerarem – convenientemente – o povo escolhido por Deus para preservar e disseminar a democracia e o liberalismo em todo o mundo e a título de justificativa por sua interferência nos negócios internos dos outros países, os governantes norte-americanos se empenharam em convencer a todos que suas guerras imperialistas tinham o objetivo exclusivo de lutar contra as injustiças, contra a opressão e contra a ignorância do restante da humanidade.

## Conclusão

A Nova Ordem apresentou, portanto, ao menos nos primeiros anos de 1990, uma significativa diminuição dos riscos de confrontação bélica global com armas atômicas e ensejou a superação da doutrina da dissuasão nuclear baseada em conceitos como o da destruição mútua assegurada e do “equilíbrio do terror”.

O novo ambiente internacional e seus cenários de conflito tornaram tais doutrinas obsoletas e por isso mesmo, mais descabidos à retenção e ao desenvolvimento de arsenais nucleares, mas uma análise mais acurada da macro-estrutura do sistema internacional denunciava que na realidade, o poder bélico norte-americano havia se convertido em um instrumento central, quase autônomo, do Departamento de Estado. Em torno da força militar, os Estados Unidos passaram a formular e a aplicar políticas externas voltadas para a consolidação da força enquanto, publicamente, adotavam um discurso pacifista e de construção de uma ordem justa e duradoura.

Esse discurso - recitado também por outras grandes potências - certamente visava à manutenção do *status quo* que haviam conquistado em décadas anteriores<sup>13</sup>, mas os valores do Estado empresarial que emergira na década, caracterizado pela formação de mega-blocos econômicos e pela criação de regimes internacionais, começou a se questionar se grandes volumes de contingentes armados seriam necessários para manter a paz em um cenário onde a globalização se expandia, dominada pelas comunicações *on line*, pelo comércio global e por redes financeiras internacionais.

Desde o fim da 2ª. Guerra os norte-americanos, que vinham apresentando uma clara superioridade militar na aplicação de tecnologia e em mobilidade estratégica em relação

---

11 MYIAMOTO, Shiguenoli e CARVALHO, Patrícia N. *A ONU e a Paz Mundial: Alcances e Limites*. In **Primeira Versão**, IFCH/UNICAMP. No. 119. Fevereiro/2003

12 MYIAMOTO (2003). Idem. Passim

13 MIYAMOTO, 2003, op.cit. p. 42

a seus oponentes e nos últimos anos da década, expandiram seu poder político sem qualquer contestação eficiente das demais nações.

Consolidados em seu papel de superpotência única, apoiados no discurso do ‘destino manifesto’ e na indignação popular perante o ato terrorista do 11 de Setembro, se arvoraram no papel de polícia ocidental e passaram a ampliar ainda mais a estrutura de “tutelagem” pós-moderna que pretendiam impor às nações ‘menos esclarecidas’.

No seu entendimento subjetivo, os benefícios da democracia e dos direitos humanos deveriam ser levados a todos os povos, mesmo que para isso tivessem que recorrer à força. Uma atitude autocrática e parcial como essa aprofundou o fosso que já separava os Estados Unidos das demais nações do mundo desde o fim da 2<sup>a</sup>. Guerra e não surpreende que tenha resultado no ataque ao WTC e ao Pentágono.

A política externa unilateral e militarista dos norte-americanos, implementada num crescendo durante os governos Reagan, George Bush, Clinton e acelerada por George W. Bush no novo século para atender aos interesses de um grupo plutocrático nacional, caracterizou-se por extraordinária miopia cultural e ajudou a fomentar os ódios contra o Ocidente e seus valores - de forma muito conveniente para a indústria bélica.

Os movimentos armados e a grande maioria dos conflitos que continuaram ocorrendo no mundo durante a década de 1990 foram, portanto, consequência de uma série de fatores políticos, econômicos e militares. Dentre os mais importantes dentre eles podem ser citados:

- Desmembramento da URSS e queda do poder militar da Rússia.
- Incremento no mercado negro de armamentos, com vendas de armas soviéticas por antigos integrantes do exército russo a vários países “canalhas” ou a movimentos marginais.
- A adoção de uma política econômica pelos Estados Unidos em 1997, que incluía reabertura do mercado de armas com afrouxamento das regras internacionais.
- O crescimento da adesão popular a uma ideologia ‘defensiva’ e militarista fomentada por ‘intelectuais da defesa’ bem posicionados em altos escalões do governo e motivada pelo medo e insegurança nacional que sucedeu o ataque de 11 de Setembro.
- Uma política externa autoritária, unilateral e indiferente às soberanias nacionais e aos tratados de contenção ou eliminação de armas, sabotando todas as medidas voltadas para o Desarmamento, para a Desmilitarização e para a Desmobilização

Assim, ao se sentirem detentores da hegemonia internacional, os Estados Unidos passaram a desacatar – de forma aberta e quase provocativa - a vontade da comunidade das nações e somente respeitavam as normas internacionais vigentes a que haviam se comprometido por meio de tratados quando lhes convinha - ou quando eram forçados a fazê-lo por causa de forte pressão ou resistência de aliados.

Quanto mais um país tem poder, maior é o ônus em mantê-lo, maiores são os atritos que tem com as demais nações e maiores são os riscos que corre ao ter que lidar com problemas que lhe foram impostos por sua condição de líder, mesmo não sejam de sua alçada ou interesse.<sup>14</sup> Por isso, para manter seu *status quo* e voltar a equilibrar seus recursos econômicos, ele sempre irá necessita de novas fontes de exploração.

---

14 MYIMOTO, (2003) Ibidem. Passim

Violência institucional gera necessidade de armas, seja para combater, seja para defender-se. Armas devem ser produzidas por alguém e naturalmente, essa produção tem custos elevados. Quanto maior a quantidade e qualidade de armas a serem utilizadas ou armazenadas, maior o custo para quem as adquire e maior o volume de produção para quem as faz. Quanto maior for o volume de produção, maior será o investimento – em matéria prima, mão de obra, capital técnico, distribuição, etc.

Quanto maior a necessidade de poder, maior o ônus. Maior o ônus, maior a necessidade de gerar mais recursos para mantê-lo. Para obter os recursos, há necessidade de ampliar ainda mais o poder e conseqüentemente, o ônus retorna com peso ainda maior. É o mesmo ciclo negativo atravessado por todas as potências imperialistas do passado antes de serem suplantadas por um desafiante e esse desgaste permanente também virá cobrar seu pedágio aos Estados Unidos, sejam eles pós-modernos e sofisticadamente tecnológicos, ou não.

O germe da destruição, o Nêmesis, está inserido no bojo do complexo militar-industrial que eventualmente irá favorecer o aparecimento de um novo contendor: com a política de expansão praticada pelas mega-organizações econômicas produtoras de armas, em qualquer lugar do mundo, qualquer líder de movimento popular ou qualquer chefe de guerrilha ou de organização terrorista pode arregimentar tropas mercenárias, armas de pequeno porte, munição, e até tanques, aviões e mísseis, seja diretamente dos produtores, seja indiretamente através de manobras escusas, com pouquíssimos entraves coercitivo. Por que? Por que as guerras e alimentam e mantêm a indústria da morte e todos os interesses ligados a ela, como a sustentação do Estado realista

Enquanto as indústrias da defesa estiverem sendo alimentados por conflitos, estarão economicamente saudáveis para continuarem a produzir a sofisticada tecnologia armamentista que compõe o diferencial do domínio imperialista norte-americano, mas também continuarão também fornecendo recursos para que todos os demais governos do mundo venham um dia a contestá-lo e conduzi-lo à decadência.

O ciclo do militarismo imperial volta a se fechar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACEVICH, *The myth of the reluctant superpower*, in **American Empire**, Cambridge: Harvard University Press, 2002

BICC-Bonn International Center for Conversion - **Conversion Survey 1998**. Disponível em <http://www.first.bicc.org>. Acesso em 07 Ago. 2005

CIA-Central Intelligence of America - *Military Expenditures in Dollar figures e World Budget (revenues & expenditures)*, **The World Factbook 2004** – Acessível em [www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields](http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields). Acesso em 18 Ago.2005

HIK-Heidelberg Institute on International Konflikt – **Global Conflict Barometer 1997, 1998, 1999, 2002 e 2003**. – [www.first.hiik.org](http://www.first.hiik.org)

JONSON, *Chalmers. The Sorrows of Empire*. New York: Owl Book, 2005

LAITIN, David e FEARON, James – “*Neotrusteeship and the problem of weak states*” in **International Security**, Vol. 28, No. 4 (Spring 2004), pp. 5–43

MYIAMOTO, Shiguenoli e CARVALHO, Patrícia N. *A ONU e a Paz Mundial: Alcances e Limites*, in **Primeira Versão**, IFCH/UNICAMP. No. 119. Fevereiro/2003

NYE, Joseph - **O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002

SCHULTZ, Katherine. *US Nuclear Posture and Doctrine since the End of the Cold War*. **Center for Defense Information**, 04/12/1996. Disponível em: <<http://www.cdi.org/ssuess/nukel%26/>. Acesso em 29 Mai. 2004

SIPRI-Stockholm International Peace Research Institute - *List of top 100 arms producing companies: 2001-2004*, in **Arms Production Project**. Disponível em <http://www.sipri.org>. Acesso em 27 Jul. 2005.

SIPRI Yearbook 2004 – *Military Expenditures in Dollar figure and GDP Percentage In The SIPRI Military Expenditure and Arms Productions Project 2004*. Disponível em <http://www.sipri.org>. Acesso em 22 Jul. 2005.

SIPRI Yearbook 2001 – *US research and development expenditures: 1981, 1987, 1995, 1998*, in **The SIPRI Military Expenditure and Arms Productions Project 2001**. Disponível em <<http://www.first.org.com/>. Acesso em 14 mar. 2004.